

Apresentação

Pescadores artesanais e populações tradicionais: economia, política, estrutura social e conflitos socioambientais

Artisanal fishers and traditional populations: economy, politics, social structure and socio-environmental conflicts

JORGE ALEXANDRE NEVES

VITOR DE MORAES PEIXOTO

GISELE BRAGA BASTOS

As belas e comoventes canções de Dorival Caymmi dedicadas ao universo da pesca constroem uma representação profundamente épica do trabalho dos pescadores artesanais. Em vez de retratar a pesca artesanal apenas como uma atividade econômica, Caymmi a apresenta como um modo de vida marcado por coragem, fatalismo e comunhão com as forças da natureza. O mar aparece como uma entidade grandiosa e imprevisível, diante da qual o pescador se lança diariamente em uma espécie de aventura heroica. Nas narrativas musicais de Caymmi, o trabalho cotidiano transforma-se em uma saga repetida todos os dias: sair ao mar, enfrentar seus perigos e retornar, quando o destino permite, com o sustento da comunidade. Essa dimensão transforma o pescador em um herói silencioso, cuja grandeza não está em feitos extraordinários isolados, mas na persistência diante de riscos permanentes.

Esse caráter épico se manifesta particularmente na forma como Caymmi articula destino, fé e trabalho. Em “É doce morrer no mar”, por exemplo, a morte no oceano não aparece apenas como tragédia, mas como possibilidade inscrita no próprio destino daquele

que vive da pesca. A canção sugere uma aceitação quase ritualística do risco, algo semelhante à ética de honra presente em narrativas épicas tradicionais. Já em “O bem do mar”, a natureza é descrita como fonte de vida e, ao mesmo tempo, como força que exige respeito e coragem. Os pescadores e pescadoras artesanais, nesse universo simbólico, não dominam plenamente o mar; eles e elas negociam com ele, aceitam seus caprichos e reconhecem sua grandeza. A epopeia do pescador, portanto, não é uma epopeia de conquista absoluta, mas de convivência com o perigo e com a incerteza.

Essa dimensão épica do trabalho marítimo encontra, da mesma forma, um eco poderoso no poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa. No famoso verso “Tudo vale a pena / se a alma não é pequena”, Pessoa sintetiza uma visão heroica daqueles que se lançam ao oceano em busca de algo maior, seja a descoberta de novas rotas, seja o sustento cotidiano. O poema lembra que o mar é construído também de sofrimento humano, “quanto do teu sal / são lágrimas de Portugal”, ressaltando o preço pago por aqueles que desafiam suas águas. Embora Pessoa tenha escrito sobre os marinheiros das grandes navegações, a lógica simbólica de seu poema pode ser estendida aos pescadores artesanais retratados por Caymmi: ambos pertencem a uma tradição humana de enfrentamento do oceano, na qual coragem, sacrifício e esperança se entrelaçam.

Assim, tanto nas canções de Caymmi quanto na poesia de Pessoa, o mar aparece como cenário de uma epopeia cotidiana. Os pescadores artesanais, muitas vezes invisíveis nas narrativas históricas grandiosas, tornam-se protagonistas de uma forma de heroísmo discreto, mas profundamente significativo. Ao sair para o mar antes do amanhecer e retornar, ou não, com o fruto de seu trabalho, eles repetem um gesto ancestral que liga sobrevivência, coragem e dignidade. Fazem uma Odisseia diária de um Ulisses invisibilizado por uma sociedade que, ao longo dos anos, foi desvalorizando os conhecimentos tradicionais. A epopeia da pesca artesanal não está apenas no enfrentamento das ondas, mas na persistência humana diante de um mundo natural que permanece maior do que qualquer tentativa de dominação.

Os pescadores artesanais são, em boa medida, agentes de resistência ao chamado “pacto fáustico” da modernidade, inspirado na figura de Fausto do drama de Goethe, que pode ser interpretado como a disposição da sociedade moderna de trocar saberes, ritmos e formas de vida tradicionais por poder técnico, produtividade e expansão econômica. No caso das comunidades de pescadores artesanais, esse pacto se manifesta na progressiva substituição de conhecimentos empíricos acumulados ao longo de gerações — como a

leitura dos ventos, das marés, das correntes e dos ciclos dos peixes — por formas industrializadas de exploração do mar baseadas em tecnologia, grande escala e racionalidade instrumental. Embora esse processo tenha ampliado o produto econômico, ele frequentemente implicou a erosão de cosmologias locais e de sistemas tradicionais de manejo dos recursos marinhos, nos quais o respeito ao ritmo do oceano é parte fundamental da sobrevivência coletiva. Assim como no mito fáustico, a promessa de domínio e progresso traz consigo um custo profundo: a perda de saberes enraizados na experiência e na convivência com a natureza, que durante séculos orientaram a relação entre comunidades humanas e o mar.

A pesca artesanal pode ser interpretada hoje como uma forma significativa de resistência cultural e econômica diante das transformações ambientais e produtivas associadas à crise climática. Em muitas regiões costeiras, comunidades de pescadores lutam para preservar conhecimentos tradicionais, mesmo diante da expansão de indústrias extrativas de grande escala, como a exploração de petróleo e gás. Nessa disputa desigual, sua condição lembra a metáfora de Dom Quixote enfrentando os moinhos de vento, no romance de Miguel de Cervantes. Assim como o cavaleiro de Cervantes luta contra forças que parecem gigantescas e inevitáveis, os pescadores artesanais defendem modos de vida e saberes ancestrais diante de estruturas econômicas e tecnológicas muito mais poderosas. Contudo, longe de ser mero idealismo quixotesco, essa resistência expressa uma defesa concreta de formas sustentáveis de relação com a natureza, nas quais o conhecimento tradicional pode oferecer alternativas importantes para a preservação dos ecossistemas marinhos e para a construção de estratégias mais equilibradas de adaptação às mudanças climáticas.

É neste contexto socioeconômico e discursivo que propusemos este dossiê, fruto de um esforço coletivo para lançar luz sobre as complexas dinâmicas que atravessam a vida das comunidades pesqueiras e populações tradicionais no Brasil. Quando lançamos a convocatória para este volume, nosso objetivo era claro: fomentar um debate interdisciplinar que fosse além da superfície, alcançando as dimensões econômicas, políticas e sociais que moldam esses grupos.

As comunidades aqui estudadas não são apenas detentoras de um patrimônio cultural vital; elas são protagonistas de uma relação com o meio ambiente que assegura a biodiversidade e a segurança alimentar, mas que hoje se vê acuada por modelos de desenvolvimento excludentes e predatórios. As comunidades de pescadores artesanais e populações tradicionais costeiras representam um patrimônio cultural e social de vital

importância para a identidade e o desenvolvimento sustentável de diversas regiões do Brasil.

No entanto, essas comunidades enfrentam diversos desafios socioeconômicos e ambientais que colocam em risco sua subsistência e sua cultura. A intensificação da pesca predatória, a expansão de atividades econômicas predatórias — como a prospecção e extração de petróleo e o turismo desenfreado —, a poluição marinha e os efeitos das mudanças climáticas ameaçam seus modos de vida e a sustentabilidade dos recursos pesqueiros.

Neste contexto, torna-se crucial o debate científico sobre as diversas dimensões que afetam as comunidades de pescadores artesanais e populações tradicionais. Este dossiê traz pesquisas originais e inovadoras que contribuem para a compreensão aprofundada dos desafios e das alternativas para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades.

Para abrir este dossiê, apresentamos uma entrevista exclusiva com o professor Marcelo Vianna (UFRJ), cuja trajetória encarna a interdisciplinaridade que buscamos promover. Biólogo e oceanógrafo com vasta experiência acadêmica e extensionista, Vianna traz para este volume uma perspectiva única acumulada durante sua atuação no Ministério da Pesca e Aquicultura. Diferente de uma visão exclusivamente teórica e abstrata apartada da realidade, Vianna discute os desafios práticos da conservação marinha, sendo um dos maiores especialistas brasileiros em elasmobrânquios (tubarões e raias) e no monitoramento de contaminantes em ecossistemas costeiros. Em sua fala, ele conecta o rigor da biologia marinha às necessidades sociais das comunidades atendidas pelo PEA Pescarte. Ao abordar desde a trajetória acadêmica até os gargalos da governança pública, Vianna reforça a tese central deste dossiê, qual seja, a de que não há sustentabilidade ambiental possível sem a proteção e o fortalecimento daqueles que vivem e cuidam dos nossos mares e rios.

A seleção de artigos que compõem o dossiê reflete a urgência dos temas propostos em nossa chamada inicial, especialmente no que concerne aos conflitos socioambientais e à defesa dos territórios tradicionais. Um exemplo contundente desta tensão é analisado por Ana Lúcia Campinho e Ana Paula Arruda no artigo “Grandes empreendimentos e pesca artesanal: reflexões sobre o município de São João da Barra”. Utilizando dados do Censo Pescarte (2023), as autoras desconstruem o discurso do “desenvolvimento regional” atrelado ao Complexo Logístico Industrial Portuário do Açu (Clipa), revelando como o gigantismo da infraestrutura precariza a pesca artesanal e impõe um jogo de forças desigual que expulsa famílias de seus territórios ancestrais.

Em diálogo com essa resistência territorial, o trabalho de Ednilson Gomes de Souza Junior e colaboradores, intitulado “Eu vivo é no rio”, utiliza a cartografia social para mapear a luta das comunidades na foz do rio Itabapoana, na região de divisa entre os estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. O texto evidencia como intervenções como dragagens e pequenas centrais hidrelétricas geram impactos cumulativos, reduzindo a oferta de pescado e ameaçando a identidade cultural que é transmitida geracionalmente através da pesca.

A dimensão cultural e a memória coletiva, eixos centrais da nossa proposta, são exploradas com sensibilidade no estudo de Clarissa Poubel, Leandro Garcia Pinho, Celso Gomes Júnior e Pedro Silva Goudard Cruz sobre a “A Festa da Lagosta em São Fidélis/RJ: desenvolvimento sociocultural e impactos ambientais”. Baseado nos conceitos de Pierre Nora, o artigo analisa como a festividade atua como um refúgio afetivo e identitário. Contudo, os autores não se furtam à crítica necessária: problematizam a exploração intensiva da lagosta de água doce, reiterando que a valorização do patrimônio imaterial deve caminhar lado a lado com estratégias de preservação dos recursos naturais.

No campo da política e da participação social, Priscila Castro, Géssica dos Santos, Victor Hugo Dias e Geraldo Timóteo trazem uma contribuição fundamental sobre a “Incidência política de pescadores e pescadoras artesanais participantes do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte”. Através de um *survey* com 252 participantes, o artigo demonstra como o engajamento educativo e a atuação do Núcleo de Autonomia e Incidência Política (Naipa) têm fortalecido a organização coletiva por meio da participação social e fortalecimento das comunidades pesqueiras. O estudo indica que a inserção em espaços de discussão de políticas públicas é o caminho para a garantia de direitos fundamentais em comunidades historicamente marginalizadas.

Enriquecendo o debate teórico e fechando o dossiê, apresentamos a resenha de Francine e Edgar Pinho sobre a obra “A educação ambiental anticapitalista”¹, de Henrique Tahan Novaes. O texto contrapõe às práticas de agroecologia e trabalho associado — exemplificadas pelas escolas do MST — à “produção destrutiva” do capital. A resenha é essencial para este volume, pois desmascara o “ecocapitalismo”, que muitas vezes se disfarça de solução enquanto mantém os interesses do agronegócio e a expropriação de terras. A obra de Tahan Novaes foi publicada pela editora Boitempo em 2025.

¹ NOVAES, Henrique Tahan. (2025). **A educação ambiental anticapitalista: produção destrutiva, trabalho associado e agroecologia**. São Paulo: Boitempo Editorial.

Destarte, convidamos a comunidade acadêmica e a sociedade civil à leitura deste dossiê, na esperança de que estas reflexões sirvam de subsídios para a construção de políticas públicas mais justas e para o fortalecimento da resistência das populações tradicionais.

Jorge Alexandre Neves

Doutor em Sociologia pela University of Wisconsin-Madison/USA, professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Vitor de Moraes Peixoto

Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

Gisele Braga Bastos

Doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/Uenf).